

Ceuta: a crise que revela as fraturas do norte da África e da Europa

escrito por Paulo Roberto da Silva Gomes Filho | 23 de agosto de 2026

Em menos de uma semana, com o ápice em 30 de julho, entre 50 e 60 mil pessoas vindas do Marrocos cruzaram a fronteira para a cidade autônoma de Ceuta, um dos enclaves espanhóis na margem africana do Estreito de Gibraltar. O movimento, estimulado por informações falsas de “abertura da fronteira” espalhadas pelas redes sociais e contando com indícios de passividade inicial das autoridades do Marrocos, desencadeou uma grave crise política e humanitária. A situação, que no momento parece estar contida, com boa parte das pessoas que cruzaram a fronteira já tendo retornado ao Marrocos, resultou em dezenas de mortes. Até o momento, ao menos 70 corpos teriam sido identificados como sendo de pessoas que se afogaram ao tentar fazer, a nado, o caminho que separa os dois territórios.

Esta é uma crise complexa, que deve ser analisada sob múltiplos ângulos.

Ceuta é uma pequena cidade de enorme importância geopolítica, localizada em uma posição estratégica na margem sul do Estreito de Gibraltar, uma das principais rotas marítimas do mundo, por onde passam milhares de navios em trânsito entre o Oceano Atlântico e o Mar Mediterrâneo.



Sob domínio europeu há séculos – Ceuta, conquistada por Portugal em 1415 e incorporada definitivamente à Espanha em 1668; e Melilla, espanhola desde 1497 – as duas cidades autônomas são até hoje reivindicadas pelo Marrocos. Nesse sentido, o governo marroquino é acusado por analistas e parte da imprensa espanhola de fomentar crises como essa atual, com o objetivo de enfraquecer a posição espanhola nas duas cidades. Um exemplo anterior seria a crise migratória de 2021, muito semelhante à atual, em que o fluxo maciço de imigrantes teria sido utilizado para causar uma crise e, consequentemente, desgastar politicamente o governo espanhol junto à sua população e à própria União Europeia.

Há, também, uma dimensão de política internacional, na qual se destacam as relações que envolvem a Espanha, o Marrocos, a Argélia e a disputa pelo controle do Saara Ocidental, território controlado como colônia por Madri até 1975. Com a retirada dos espanhóis, o Marrocos passou a considerar toda a área parte do seu território, conseguindo efetivamente controlar parte dele, especialmente o litoral. Entretanto, a Frente Polisário, movimento político-militar criado em 1973 para combater a presença espanhola e defender a independência e a autodeterminação do povo saarauí, proclamou, em 1976, a chamada República Árabe Saaraui Democrática. Reconhecida por diversos países e integrante da União Africana, a República

Saarauí é apoiada principalmente pela Argélia, que fornece suporte político, diplomático e material à Frente Polisário.

Durante décadas, Madrid procurou manter uma posição relativamente equilibrada entre Argel e Rabat. Em 2022, um ano após a crise migratória de Ceuta, o governo espanhol passou a considerar a proposta marroquina de autonomia como a base “mais séria, realista e crível” para uma solução. A mudança aproximou Espanha e Marrocos, cuja cooperação é fundamental para o controle migratório nas fronteiras de Ceuta e Melilla.

Recentemente, entretanto, o governo espanhol se aproximou da Argélia, maior fornecedor de gás natural da Espanha, o que desagradou Rabat, o que, segundo analistas, justificaria a passividade – se não o próprio estímulo – das autoridades marroquinas, com o objetivo de criar uma crise que pressione o governo de Madrid.



Aperfeiçoe sua
EQUIPE

Conhecer a realidade geopolítica do mundo que nos cerca é fundamental para a tomada de decisões.

agende uma palestra

Contrate o Paulo Filho para falar com sua equipe.

PAULO FILHO

Há ainda a posição dos Estados Unidos, que desde o primeiro mandato do presidente Trump, em 2020, reconhecem o Saara Ocidental como território marroquino. Trump manteve, durante toda a semana passada, fixada no topo de sua linha do tempo na rede Truth Social, uma postagem na qual agradece ao rei Mohammed VI, do Marrocos, a inauguração de uma moderna autoestrada que cruza o Saara Ocidental, que Trump afirma ter

sido batizada em sua homenagem: “Highway Presidente Donald J. Trump”. Ao mesmo tempo em que celebra a proximidade com o rei marroquino, Trump tem péssimo relacionamento com o primeiro-ministro espanhol Pedro Sánchez. Ao estalar da crise, o Departamento de Estado dos EUA publicou uma mensagem na qual afirmava que a crise era resultado “dos esforços deliberados do governo espanhol para permitir e facilitar a imigração ilegal em massa para a Europa”.

Isso nos traz a um último aspecto importante dessa crise, a questão muito sensível na Europa da imigração ilegal, um objeto de disputa ideológica que está sendo claramente utilizado pelos diversos campos políticos neste momento. De um lado, partidos e movimentos mais conservadores apresentam o episódio como demonstração da fragilidade das fronteiras europeias, defendendo controles mais rigorosos e políticas migratórias mais restritivas. De outro, setores progressistas ressaltam a dimensão humanitária da crise, as condições econômicas e sociais que impulsionam os deslocamentos e a obrigação dos Estados europeus de respeitar o direito internacional e oferecer proteção àqueles que façam jus ao asilo ou a outras formas de proteção internacional.

Como se vê, a crise em curso em Ceuta possui múltiplas dimensões, que se interligam e demonstram com clareza a complexidade dos desafios contemporâneos. Questões geopolíticas, estratégicas, ideológicas e humanitárias se sobrepõem, criando problemas que muitos governos se mostram incapazes de enfrentar. As tensões, entretanto, continuam a se acumular, e basta uma centelha para que surjam novas crises, ainda mais graves.

Este artigo foi originalmente publicado na Gazeta do Povo, em
3 de agosto de 2026

[Se você gosta do conteúdo do blog e pode colaborar com sua manutenção, junte-se àqueles que se tornaram apoiadores](#)

[clique aqui e saiba como!](#)